

VOZES EM TOM MAIOR

A poesia portuguesa actual tem dois novos poetas, cujos livros de estreia, vindos de lugares diferentes, devem ser assinalados

Texto António Guerreiro | Fotografia Tiago Miranda

Ao longo da última década, as questões do realismo, da representação e da experiência (em oposição ao lirismo abstracto e à tendência críptica herdada dos formalismos dos anos 60) polarizaram um vivo debate em torno da poesia portuguesa mais recente. Mais uma vez, foi no campo da poesia que a literatura portuguesa deu sinais de vida, já que no que diz respeito à ficção narrativa não existem conflitos, inflexões, debates desde há algumas décadas e tudo decorre pacificamente, à medida de uma produção predominantemente de entretenimento, que nem chega a entrar em diálogo com a tradição literária e não tem espessura para se tornar objecto interessante de crítica.

Entretanto, novos elementos estão a reconfigurar a situação da poesia portuguesa actual ou, pelo menos, a deslocar os pólos de tensão. Não se trata de anunciar novidades epocais, inventadas com carácter de urgência pela lógica dos balanços da década, mas de verificar que há uma deslocação contínua, há movimentações, e o estado de coisas referente à poesia já não está no mesmo lugar em que estava no momento em que o debate referido foi mais forte (marca importante foi a publicação, em 2002, de "Poetas sem Qualidades", uma antologia de Manuel de Freitas). Um dos factores dessa deslocação deve-se ao surgimento de alguns novos poetas. É o caso de Miguel-Manso, que se estreou em 2008. E é também o caso de dois poetas agora estreados (ambos na mesma editora: Mariposa Azual): Margarida Vale de Gato, que já era conhecida como uma excelente tradutora, e Miguel Cardoso.

Por razões enigmáticas — e a que dificilmente uma sociologia da literatura dará resposta — é escasso o número de mulheres a publicar poesia, em Portugal — uma falta que já não se verifica no romance. Por isso, e porque a questão histórica e social da mulher (mais até do que a questão do género, tal como ele tem sido tematizado pelos *gender studies*) é central neste livro, é pertinente chamar a atenção



MIGUEL
CARDOSO E
MARGARIDA
VALE DE
GATO

O LIVRO DE MARGARIDA VALE DE GATO, DECLINANDO AS QUESTÕES DO FEMININO, IRROMPE COM DESTAQUE NUM PANORAMA MARCADO PELA ESCASSEZ DE MULHERES NA POESIA PORTUGUESA

para o facto de “Mulher ao Mar” ser da autoria de uma mulher.

Trata-se de uma poesia dotada de uma perícia quase virtuosa na construção, na invenção métrica e vocabular, e no uso lúdico, irónico, parodístico e evocativo das formas e dos tópicos temáticos da tradição literária. Ou seja, é uma poesia altamente culta, mas que sabe dissimular muito bem, e tornar produtivo, aquilo que de outra maneira seria pesado e esterilizante. Não se trata, portanto, de um talento a funcionar no vazio ou na contemplação deslumbrada de si mesmo. O que aqui há de lúdico — e é muito — nunca sucumbe à frivolidade e ao gratuito. É um jogo pouco inocente e capaz de esconjurar os perigos dos discursos psico-sociológicos sobre a diferença sexual e as construções culturais que legitimam a dominação masculina. Leia-se este poema intitulado “Ressabiadas”: “talvez lá no fundo acredite/ que os seres humanos são todos sensivelmente/ os mesmos em toda a parte, mas então/ necessariamente as mulheres são mais./ Costumes que frequentamos:/ o arame da loiça, os panos dos pratos, os ganchos e as linhas/ do estendal, a vinha-de-alhos, o fogão (...)// Certamente que eles, em grande maioria,/ escanhoam os queixos e gostam/ de arejar, mas são médicos, polícias,/ engraxadores, economistas/ e os vários naipes da banda filarmónica/ nós somos todas domésticas, mesmo// assim não nos entendemos, e/ nem serve escrever isto/ que o maniqueísmo em traços largos/ resvala na aldrabice, e a poesia/ vem dos anjos já se sabe// carecidos de sexo.”

Este é, aliás, um dos poemas mais bem comportados do livro, na sua fluidez oratória. Mais comum é um discurso inventivo, uma dança sintáctica e lexical que, no seu discreto maneirismo lúdico e displicente, não deixa incrustar-se qualquer monologismo ideológico (os temas do feminino e das mulheres presta-se tanto a isso como a luta de classes), foge da demagogia e do *pathos*. Esta é uma poesia que se escuda num segundo grau, não por via da reflexividade que o modernismo herdou do romantismo teórico, mas por via de uma distância salvífica em relação à matéria de que trata (a sua “matéria de Bretanha” é a mulher e o feminino), não por cinismo ou ironia. E é nessa distância que reside precisamente a inteligência ‘política’ — que é também uma inteligência literária — desta poesia. Do princípio ao fim, este livro não fala de outra coisa senão da mu-

lher na história, na sociedade e na literatura. E, no entanto, ele não tem nada de um manifesto, não se apropria de teses nem é subjugado por sobredeterminações ideológicas ligadas ao tema. E o que vem estilhaçar qualquer cristalização é uma linguagem indisciplinada, que sabe rir sem estardalhaço e convocar para a mesma festa tanto a banalidade quotidiana como a culta referência literária.

Mudamos completamente de latitude quando passamos para o livro de Miguel Cardoso. O título, “Que Se Diga Que Vi Como a Faca Corta” tem a ousadia de evocar “A Faca Não Corta o Fogo”, de Herberto Helder. E, na parte final, vamos encontrar quatro “Diálogos com Sofia”. Dir-se-ia, então, que estamos perante uma poesia da poesia. Mas não é disso que se trata. É verdade que na genealogia poética de Miguel Cardoso podemos identificar uma poesia órfica como a de Herberto Helder. Mas sem se deixar absorver por ela, e ainda muito menos pela de Sofia. Diferente é a dicção, diferente é o magma metafórico. Aquele modo de atingir as regiões mais altas do sublime e as regiões mais baixas do terror é estranho à poesia de Miguel Cardoso. Aqui, estamos num plano de intensidade mais reflexivo e mais perto da imanência. Eis alguns versos de um poema bastante longo: “Há quem tenha rabiscado/ em guardanapos ou lançado gestos./ Assim, sem mais./ Quem tenha aperfeiçoado/ o crchctchttt/ das fitas encravadas/ ao lembrar-se. E assim/ por diante, sem que andasse assim/ tão longe da verdade. Quem tenha furiosamente/ esquecido o tempo e o espaço, ou dobrado/ um no outro, bem devagar, enquanto/ esperava, simplesmente, que passasse/ por ali um sopro.”

A metáfora, e a imagem em geral, são os pilares fundamentais desta apoteose que cria uma atmosfera lírica, mas não se confunde com o lirismo convencional. Reconhecemos aqui um canto do mundo e não do eu, que tende, aliás, para uma poesia despersonalizada. Diríamos que é nesta despersonalização, desencadeada por uma reflexividade que desrealiza o universo representado, tornando-o abstracto, que reside o que é próprio deste livro: a sua dimensão exaltada e de grande fôlego, o sentimento de união indissolúvel com o Todo e de pertença ao universal que encontramos nos hinos da tradição romântica — não do romantismo da confissão pessoal, mas da poesia como ideia e especulação. ▽

aguerreira@expresso.imprensa.pt



★★★★

MULHER AO MAR

Margarida Vale de Gato

Mariposa Azul, 2010, 76 págs., €12

Poesia



★★★★

**QUE SE DIGA QUE VI
COMO A FACA CORTA**

Miguel Cardoso

Mariposa Azul, 2010, 100 págs., €12

Poesia